

O povo Gavião e os primeiros contatos com as Tecnologias da Informação e Comunicação

*Thiago Allan Ribeiro de Oliveira*¹
*André Demarchi*²
Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Discute-se neste artigo o processo de contato e apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação por parte do povo Gavião da Terra Indígena Mãe Maria, habitantes do sudeste paraense. Analisa-se tal movimento de contato e apropriação das TICs a partir da aldeia Akrôtikatêjê do povo Gavião Akrâtikatêjê, bem como as consequências culturais e sociais deste processo.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação; povo Gavião; Akrôtikatêjê.

OLIVEIRA, Thiago Allan Ribeiro de; DEMARCHI, André. O povo Gavião e os primeiros contatos com as Tecnologias da Informação e Comunicação. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 11 (25): 137-152, janeiro a abril de 2024. ISSN: 2358-5587

A C E N O

¹ Mestre em Comunicação e Sociedade (UFT). Professor Substituto na Universidade Federal do Tocantins.

² Professor e Pesquisador na Universidade Federal do Tocantins. Leciona no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. É doutor em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

The Gavião People and the first contacts with TICs

Abstract: In this work it is discussed the Gavião people from the Indigenous Land Mãe Maria, that lives by the southeast region from Pará State, and their process of contact and appropriation of information and communication technologies. It is analyzed that contact and appropriation movement of the TIC's (acronym for Information and communication technologies) from the indigenous community Akrôtikatêjê, comprised in the Gavião People, and the cultural and social consequences that comes with this process.

Keywords: Information and Communication Technology; Gavião people; Akrôtikatêjê.

El Pueblo Gavião y los primeros contactos con las TICs

Resumen: Se discute en este artículo el pueblo Gavião da Terra Indígena Mãe Maria, habitantes del sureste de Pará, el proceso de contacto y apropiación de las Tecnologías de la Información y la Comunicación por parte de los mismos. Se analiza este movimiento de contacto y apropiación de las TIC desde el pueblo Akrôtikatêjê del Pueblo Gavião Akrâtikatêjê y las consecuencias culturales y Sociales de este proceso.

Palabras clave: Tecnologías de la Información y la Comunicación; pueblo Gavião; Akrôtikatêjê.

A localização em que este estudo foi realizado é na região de Marabá (PA) e nas cidades vizinhas, como Bom Jesus do Tocantins (PA), onde está localizada a Terra Indígena Mãe Maria, território pertencente ao povo Gavião. De acordo com Silva (2020: 2):

A Terra Indígena Mãe Maria, com área de 281.643 hectares, está localizada na região sudeste do estado do Pará, às margens da Rodovia BR 222, mesorregião de Marabá. Foi declarada TI pelo decreto de nº 4503 de 30 de dezembro de 1943 e teve demarcação homologada pelo Decreto Presidencial nº 93.148, de 20 de agosto de 1986. Na Terra Indígena Mãe Maria vive o Povo Indígena Gavião do Pará (Mêmpajî Hâkti), originalmente falante da língua Jê-Timbira, do tronco linguístico Macro-jê, no entanto, dadas as diversas situações de contato com o kupê, hoje a maioria dos indígenas da TI se comunica em língua portuguesa.

Nesse aspecto, durante meados do século XIX, provavelmente tenha ocorrido uma separação por parte dos Gavião de alguma sociedade Timbira e isso tenha levado este povo a ocupar outros territórios, no entorno do rio Tocantins (SILVA, 2020). Quando falamos do povo Gavião se faz necessário compreender sobre o seu contexto histórico e como ocorreu e ainda ocorre sua dinâmica territorial, linguística e organizacional. De acordo com Ferraz (1998: 3),

Ficaram conhecidos como “Gaviões” todos os grupos que ocupavam um vasto território à margem direita do curso médio do rio Tocantins, compreendido desde a cabeceira dos rios Moju e Capim (ao norte) até as proximidades da cidade de Imperatriz (MA); era indistintamente chamados “Gaviões” devido ao temor que causavam às escassas populações ribeirinhas os pykopkatêjê (ou Pykobêjê, os “Gavião de Amarante”/RN), os krînkati e os atuais Parkatêjê, ou “Gaviões ocidentais”, situados na porção mais ocidental do “país Timbira”.

Ainda sobre o processo de ocupação de diferentes territórios por parte dos Gavião, Ferraz (1998) destaca que ocorreu uma cisão entre estes povos devido a diferentes fatores, tais como conflitos internos e perseguição por parte do Estado. Sendo assim, devemos observar esse movimento de deslocamentos para que possamos entender a existência de três grupos entre o povo Gavião, a saber: Gavião Akrâtikatêjê, Gavião Parkatêjê, Gavião Kyikatêjê e suas respectivas aldeias dentro da Terra Indígena Mãe Maria, que hoje conta com um total de 22. Esse processo de cisão que levou o surgimento de novas aldeias, as quais Ribeiro Junior (2020) denominou de nealdeamentos.

O presente artigo parte sua análise da aldeia Akrôtikatêjê, local no qual se iniciou o trabalho de campo. Apresentar-se-á, a seguir, narrativas orais e alguns dados obtidos a partir da experiência em campo, além de dados bibliográficos, uma perspectiva histórica sobre a entrada das primeiras Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)³ dentro da Terra Indígena Mãe Maria e a evolução dessas tecnologias ao longo dos anos. A seguir, destaca-se uma linha do tempo que

³ De acordo com Rodrigues (2016), Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem ser definidas como o conjunto total de tecnologias que permitem a produção, o acesso e a propagação de informações, assim como tecnologias que permitem a comunicação entre pessoas. Com a evolução tecnológica, surgiram novas tecnologias, que se propagaram pelo mundo como formas de difusão de conhecimento e facilitaram a comunicação entre as pessoas, independentemente de distâncias geográficas.

mostra como ocorreu o processo de entrada das TICs, levando em consideração o movimento de neorealocação ocorrido entre o povo Gavião na Terra Indígena Mãe Maria (RIBEIRO JUNIOR, 2020). É importante destacar esse caráter histórico, pois o povo Gavião encontrava-se inicialmente em apenas uma aldeia quando nos referimos à Terra Indígena Mãe Maria. Após os movimentos de cisões ocorridos ao longo dos anos, novas aldeias foram surgindo, e, por conta disso, esse artigo não tem como ponto de partida a aldeia Akôtikatêjê, mas um ponto de chegada, até porque a referida aldeia surge apenas em 2015 e algumas TICs já estavam consolidadas entre o povo Gavião (PARKREKAPARE, 2017).

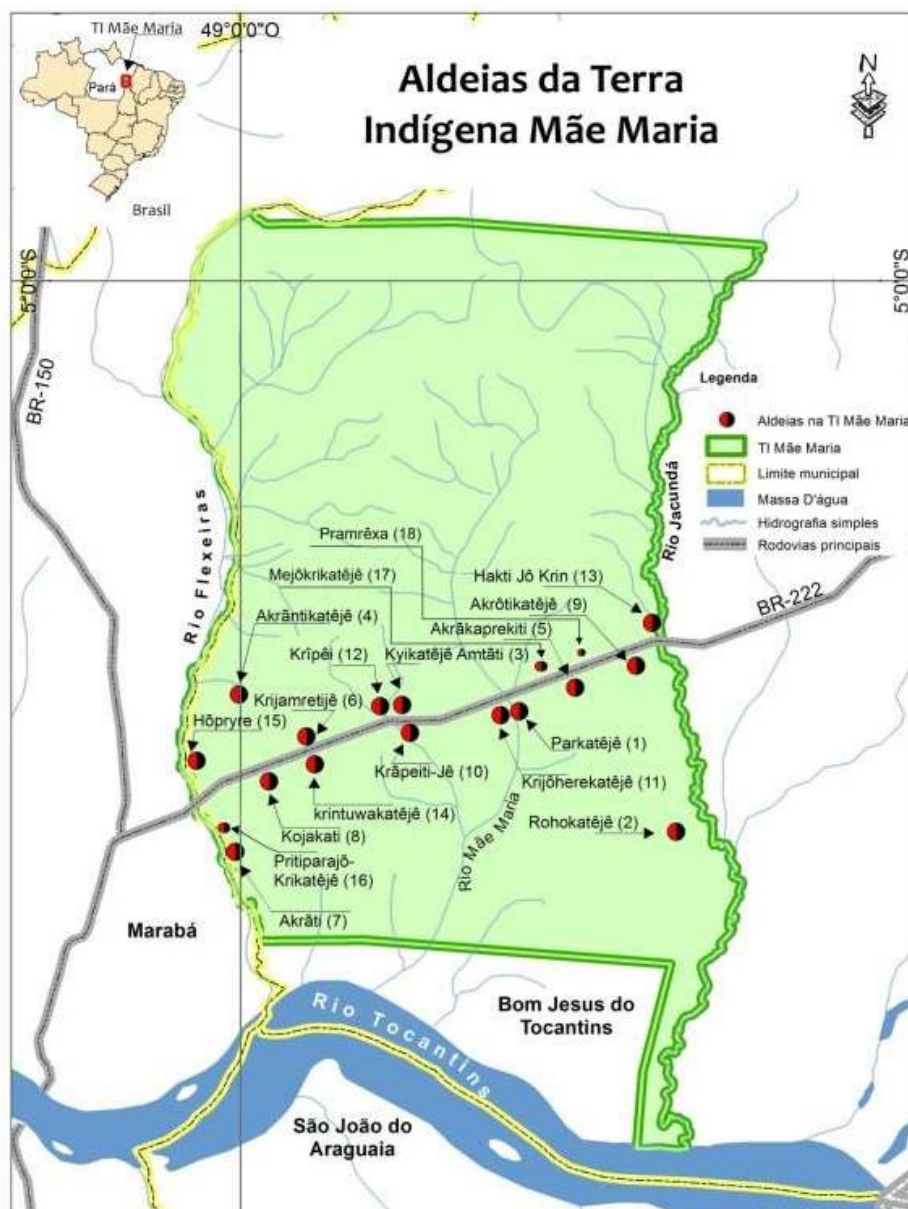


Figura 1 – Localidade da Terra Indígena Mãe Maria e suas respectivas aldeias. Fonte: Ribeiro Junior (2020).

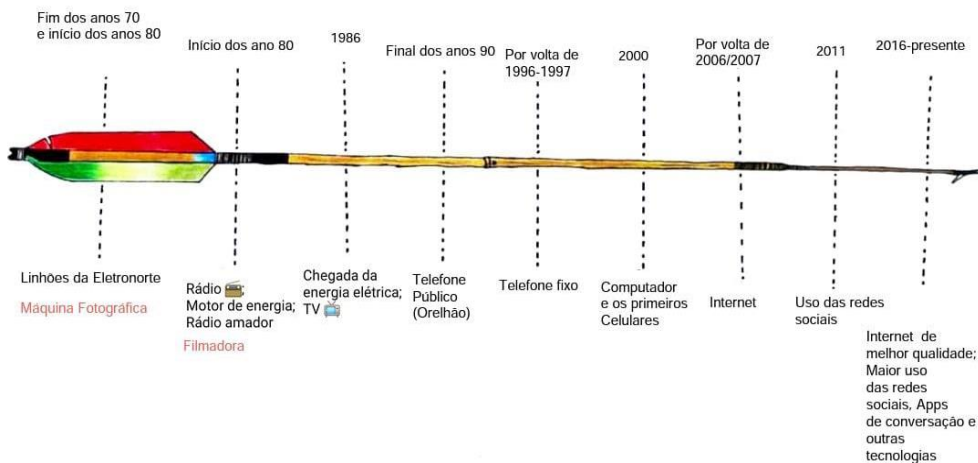


Figura 2 – Linha do tempo construída a partir das entrevistas realizadas com alguns sujeitos da pesquisa durante o trabalho de campo. **Fonte:** Os autores (2023).

A partir das narrativas orais expostas pelos entrevistados, construímos essa linha do tempo para facilitar nosso entendimento e melhor compreendermos o processo de contato e apropriação das TICs pelo povo Gavião da Terra Indígena Mãe Maria. Na imagem acima podemos observar duas palavras destacadas na cor vermelha, isso se deve ao fato de que os indígenas tiveram contato com essas tecnologias, mas não necessariamente acesso a elas, ou seja, não se apropriaram, fato que veio a ocorrer somente após esse período, a partir da chegada da energia elétrica no ano de 1986 (RIBEIRO JUNIOR, 2020).

É possível encontrar alguns registros fotográficos do povo Gavião antes dos anos de 1970, inclusive, mas como o trabalho buscou seguir as narrativas, não traçamos esse período na linha do tempo acima, mas Parkrekapare (2017) apresenta algumas fotografias cedidas pelos missionários americanos João e Judy, que trabalharam com os Gavião nos anos de 1960, evidenciando o contato dos indígenas com essas tecnologias.

Outro momento de contato deste povo com as TICs ocorre nos anos de 1980, com o projeto Vídeo nas aldeias, que nasceu em 1987, no Centro de Trabalho Indigenista (CTI), uma organização não-governamental fundada em 1979 por um grupo de antropólogos e de educadores que desejavam estender sua experiência inicial de pesquisa etnológica na forma de programas de intervenção adequados às comunidades indígenas com as quais se relacionavam. Vicent Carelli (1995), um dos idealizadores desse projeto, esteve em constante diálogo com o povo Gavião e fez uma série de produções, que inclusive culminou no documentário lançado por ele e sua equipe no ano de 2022, intitulado “Adeus, Capitão”, que realiza uma trajetória da vida de Krohokrenhum, líder do povo indígena Gavião e a luta do seu povo.

Voltando ao período inicial da realização do projeto supracitado, apesar das produções dos vídeos serem feitas a partir da perspectiva indígena, na qual o objetivo era tornar acessível o uso da mídia vídeo a um número crescente de comunidades indígenas, promovendo a apropriação e manipulação de sua imagem em acordo com seus projetos políticos e culturais (GALLOIS e CARELLI, 1995), durante o trabalho de campo não obtivemos relatos ou fontes que apontassem uma apropriação direta dos indígenas com as produções de imagens, como ocorre nos

dias de hoje, sem o intermédio do *kupê*⁴, por isso destacamos na linha do tempo o objeto da filmadora.

Desta forma, ao analisarmos a linha do tempo, podemos notar que a partir da chegada da energia elétrica na terra indígena em apreciação, possivelmente aumentou a possibilidade de acesso a determinadas tecnologias e consequentemente a apropriação destas de forma direta. Vale ressaltar que quando apontamos na pesquisa esse processo de apropriação de forma direta, nos referimos a um contexto ou ideia de que os indígenas da Terra Indígena Mãe Maria passaram a ser protagonistas desse movimento de apropriação por meio das lutas travadas ao longo da história. No ano 2000 temos a chegada do computador na Terra Indígena Mãe Maria, mas ainda sem o acesso à internet e nem todos tinham condições de ter essa ferramenta tecnológica em casa, fato que começa a mudar a partir da chegada da internet entre os anos de 2006 e 2007, o que possivelmente contribuiu para um acesso maior da comunidade.

A partir do ano de 2011, a utilização das redes sociais começa a ser realizada pelo povo Gavião, como destacado nas entrevistas, era o começo de um processo de apropriação e entendimento do uso dessa mídia digital que apresentará nos anos seguintes determinadas consequências. Se analisarmos a linha do tempo, podemos notar que as cisões na Terra Indígena Mãe Maria começam a se expandir justamente com o processo de apropriação das TICs ali pelos anos 2000 e se intensificando em 2011, quando o acesso às redes sociais surge de forma mais intensa, apresentando, portanto, uma forte relação nesse processo de separação das aldeias, pois, se analisarmos a tabela que mostra o ano de surgimento das aldeias (OLIVEIRA, 2023), é possível visualizar esse encontro. Em relação a esse contexto, Katêjuprere nos conta:

Eu acho que a tecnologia, tipo assim, o fato das informações chegarem de outra maneira pra nós, pode ter contribuído para o entendimento melhor das coisas que acontecem dentro da aldeia, dos interesses, das vontades de cada um, até porque a gente vai se comunicando para além do nosso mundo, vai tendo informações que até então só chegava pra nós através dos brancos, ou então pelo povo da universidade né, claro que muita gente se movimentou aqui, como o Payare, o Capitão, que lutaram inclusive para que a gente conseguisse ter acesso às tecnologias, essas coisas do branco, até porque eles pegaram pra eles muitas coisas que são nossas, como a própria terra né?! [...] então eu penso que as tecnologias tiveram alguma influência nas separações das aldeias, por conta das informações que apareceram e aparecem, e até mesmo nos processos de montagem de novas aldeias, porque a gente tem que ir atrás de papel, advogados, ir no cartório, elas ajudam nessa parte burocrática né, por isso tem a ver sim. (KATÊJUPRERE, 2023)

Esse encontro entre as TICs e o movimento de cisão entre as aldeias da Terra Indígena Mãe Maria pode ser compreendida a partir da explicação de Pereira (2017), visto que as apropriações, incorporações e interações com as tecnologias e linguagens midiáticas por parte desses povos evocam uma “cosmopolítica ameríndia”, indicadora de uma interação reticular, associada ao seu contexto de relações e de agências múltiplas (presentes em suas cosmologias). É, portanto, por meio deste modo de “comunicar”, “transitar”, “atuar” em redes no cosmo, onde repercutem a contínua preocupação com as suas “terras”, o lugar de existência cultural, corpórea e extracorpórea de todos os seres que o compõe, bem como é por meio da comunicação com esse cosmo e colocando-se “em relação” as suas diversas entidades que cada povo se presentifica atualmente nas redes digitais (PEREIRA e DI FELICE, 2021).

⁴ Segundo a Cacique Kátia Silene, da aldeia Akrâtikatêjê *Kupê*, é o nome ofertado pelos Gavião do Pará ao não indígena, ao passo que a escrita pode variar, dependendo do local. Por exemplo, para os índios Krikatí e Canelas, escreve-se *Cupê* (FERREIRA, 2020).

Por fim, a partir do ano de 2016, o povo Gavião da Terra Indígena Mãe Maria começa a ter acesso à internet de maior qualidade e, possivelmente, o uso maior das redes sociais a partir dos primeiros contatos tenham contribuído para a ressignificação da utilização dessas TICs, o que buscaremos analisar em momento posterior, tentando identificar esse movimento de apropriação das TICs e as possíveis consequências socioculturais desse processo. Nesse sentido, após a apresentação da linha do tempo, abordaremos algumas informações acerca do entendimento conceitual em relação às TICs dentro dessa pesquisa a partir das novas tecnologias. Portanto, para efeitos deste trabalho, serão consideradas como TICs: computadores pessoais, tablets, telefonia móvel, telefonia fixa e internet. Esses meios permitem uma conexão direta de indivíduos, associações e projetos que são interconectados por meio de redes segundo determinados ideais e fins específicos (MARTINEZ, 2014). Nesse sentido, as TICs ganham uma relevância no contexto social em relação aos processos de socialização dos sujeitos. Segundo Martinez (2014: 63):

Graças ao uso das TICs o contexto social tem se transformado gradativamente estruturando a sociedade em rede, constituindo, desse modo, uma nova morfologia social por meio da difusão da lógica de redes que modificam de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos de experiência, poder e cultura. A partir disso, a organização, por meio de redes de indivíduos interconectados, é efetivada e proporcionada pelas novas tecnologias que promovem a melhoria nos processos de socialização. As mudanças ocorridas nos últimos anos, principalmente devido à ampliação da abrangência dos recursos tecnológicos nos setores público e privado atingiram substancialmente o contexto social, político e econômico. No entanto, outros fatos históricos auxiliam a contextualização do desenvolvimento de tecnologias na sociedade da informação, imprescindíveis para o desenvolvimento mundial.

Nessa perspectiva, Castells (2005) mostra que a tecnologia é condição necessária, mas não decisiva para o surgimento de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da atividade na base das redes de comunicação digital. Dessa forma, é possível de alguma maneira observar essas novas formas de organização social baseada em redes a partir dos povos indígenas.

Em relação aos primeiros trabalhos sobre povos indígenas e internet, é necessário destacar os estudos de Pereira (2013), uma vez que é importante entendermos que essa ideia de apropriação, ou melhor, indigenização, devem ser analisadas de maneira minuciosa devido à complexidade do debate. A autora afirma que as mídias digitais ou tecnologias de informação e comunicação se apresentam como vetores das interações dos grupos que se diferenciam culturalmente e que transformaram radicalmente as experiências sociais nos últimos tempos com a difusão da conexão e do acesso à internet, oferecendo novos recursos para a construção de si por sua assunção ordinária e cotidiana. É um fenômeno no qual a recorrência dos processos comunicativos globais, no caso da digitalização e da difusão das redes, em contato com realidades locais, viabiliza a emergência de identidades étnicas nesses espaços comunicativos (PEREIRA, 2013).

Pereira (2013) afirma que o modelo comunicativo digital, conectivo e reticular, favorece um peculiar tipo de ação comunicativa desses grupos. Tal ação comunicativa permite a ressignificação das suas localidades para além de seus limites geográficos, apontando para um habitar tecno, informativo e ecossistêmico, formado por deslocamentos informativos, articulados pelas interações ecológicas e transorgânicas entre sujeitos, interfaces, informações e territórios. “São essas interações, experiências locais, com elementos, identificações e práticas culturais locais com repercussões globais e vice-versa que ampliam as fronteiras e as

noções de lugar” (PEREIRA, 2013: 20). Entre o povo Gavião, podemos perceber durante a pesquisa de campo que a ideia de tecnologia não está atrelada apenas aos usos exclusivamente das TICs, mas a partir de um movimento de transformações que os Gavião vivenciaram ao longo de suas trajetórias dentro da Terra Indígena Mãe Maria, desde a entrada das lanternas até a pilha, passando pelo motor de energia até chegar à energia elétrica.

Nesse sentido, este processo pode ser relacionado com “o papel da eletricidade ou do motor elétrico na difusão das formas organizacionais da sociedade industrial na base das novas tecnologias geradas e distribuídas eletricamente” (CASTELLS, 2005: 17). Ou seja, mesmo tendo como análise as TICs dentro da terra indígena alvo deste estudo, é imprescindível falar desse movimento histórico da entrada de alguns elementos que à época eram vistos como tecnologias. Entre os povos indígenas, o uso das TICs são fundamentais para a sua cultura, entretanto, não podemos esquecer que esse grau de importância vai se diferenciar de povo para povo, por conta da diversidade cultural existentes entre os povos indígenas (FREIRE, 2016), afinal, ainda é possível encontrar indígenas em situação de isolamento, ou então que muitas vezes não possuem qualquer tipo de acesso às ferramentas tecnológicas de comunicação. Dessa forma, mesmo fazendo uso dessas tecnologias, não significa que os indígenas estão deixando de lado sua cultura, pois essa questão apresenta uma ideia equivocada sobre os indígenas e não deve ser mais dita sobre eles (DEMARCHI e MORAIS, 2015). Martinez (2014: 94) observa que:

É importante mencionar que embora as TICs sejam ferramentas necessárias para a organização e mobilização que segue um trajeto que é percorrido a partir da virtualidade com a finalidade de atingir o maior número possível de indígenas, para os membros da COIAB, o contato pessoal de corpo presente sem a mediação de recursos tecnológicos de comunicação é fundamental para a cosmovisão indígena. Portanto, o uso das TICs não caracteriza um movimento de “desrealização”, ou seja, que tem a intenção de romper com o relacionamento não mediado entre os membros de uma mesma organização, bem como entre as outras comunidades interligadas.

Durante o trabalho de campo alguns indígenas com os quais dialogamos, em determinados momentos, traziam a citação acima como ponto de reflexão, falando que não é devido ao fato de eles usarem celulares de última geração ou então um carro do ano que deixaram a sua cultura de lado, e que isso nada mais é uma consequência do contato com os Kupê. Essa reflexão pode ser observada abaixo durante uma entrevista realizada com Katêjuprere quando estávamos na aldeia Akrôtikatêjê:

Nós aqui sofremos muito para conseguir conquistar alguns direitos, principalmente os mais antigos quando a gente ficava ali na aldeia antiga, os velhos contam muitas histórias daquela época. Ai hoje o pessoal pensa que a gente não é mais indígena, só porque a gente usa carro do ano, tem um celular bom, uma camisa de marca, essas coisas assim. Por exemplo, quando a gente vai no supermercado fazer o rancho, os brancos ficam tudo olhando para o nosso carrinho lotado, eu acho que eles pensam que nós não pode comprar também. É engraçado, mas eu sei que isso é preconceito, além de sofrer preconceito eu estudo sobre essas coisas, esse pessoal pensa que eles podem ter carro, isso e aquilo e a gente não, e se a gente ter não somos mais indígenas, não tem sentido algum isso, hoje em dia eu faço é ficar debochando de uma galera quando me ver de iphone, carro, na loja da colcci (risadas). (KATÊJUPRERE, 2022)

Nesse sentido, se faz necessário compreender essa dinâmica de apropriação das novas tecnologias pelos povos indígenas não apenas como ferramenta para reconhecimento da sua identidade cultural, mas também como uma forma de direito ao acesso às tecnologias para esses povos que historicamente foram e ainda

continuam sendo negados (SOUZA, 2020). Dessa forma, a partir do momento em que a promessa de acesso a todos os cidadãos, tanto indígenas como não indígenas se cumpra, a assimilação deste tipo de tecnologia poderá valorizar e reafirmar a importância dos meios de expressão da opinião pública e, especialmente, dos meios de comunicação autônomos no processo político democrático e de afirmação da sua cultura dentro desse processo (MARTINEZ, 2014).

A perspectiva disso, é possível fazer uma análise dessa apropriação das TICs pelos povos indígenas a partir da ideia teórico-conceitual elaborada por Castells (2005), conhecida dentro dos estudos sobre comunicação como sociedade em rede, pois é possível observar entre alguns povos indígenas, em especial o povo Gavião, que em conjunto com a sua cultura tradicional, talvez seja possível observar uma formação social com uma estrutura de redes sociais e de mídias, permitindo uma nova forma de se organizar. Dessa forma, é importante entender que a comunicação na perspectiva do uso das TICs não é algo restrito apenas a determinados grupos, mas ela se expande ultrapassando algumas barreiras que até determinada época era impossível de acontecer, ocasionando mudanças nos modos de vidas, costumes etc. De acordo com Castells (2005: 18),

a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia. Aquilo a que chamamos globalização é outra maneira de nos referirmos à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede implica. Porém, como as redes são selectivas de acordo com os seus programas específicos, e porque conseguem, simultaneamente, comunicar e não comunicar, a sociedade em rede difunde-se por todo o mundo, mas não inclui todas as pessoas. De facto, neste início de século, ela exclui a maior parte da humanidade, embora toda a humanidade seja afectada pela sua lógica, e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social.

Nesse sentido, para a ideia de uma sociedade em rede, é fundamental entendermos os processos comunicacionais elaborados pelos povos indígenas dentro do contexto capitalista, pois a sociedade em rede manifesta-se de diversas formas, conforme a cultura, as instituições e a trajetória histórica de cada sociedade, e isso pode ser observado direta ou indiretamente dentro da cultura dos povos indígenas no Brasil, inclusive, em relação aqueles povos que não tem acesso às TICs. Nesse sentido, a comunicação intermundos está relacionada aos saberes dos povos tradicionais (indígenas, quilombolas e ribeirinhos). Segundo Oliveira, Figueroa e Altivo (2021: 8):

Em relação às agências em comunicação, as cosmopraxis presentes nas resistências indígenas e afrodiáspóricas são mais do que movimentos sociais organizados politicamente, são movimentos cosmopolíticos. O que significa dizer que acionam formas de comunicação múltiplas que enlaçam o tempo histórico e o tempo mítico, as paisagens terrenas e as paisagens cosmológicas, as agências dos humanos com as agências dos espíritos, almas ancestrais, deuses e deusas gerando pragmáticas existenciais e processos de subjetivação política que, além de incompatíveis com as formas modernas, podem inspirar outros modelos comunicacionais multidimensionais. Os líderes espirituais, conhecidos como xamãs nos estudos de etnologia e como sacerdotes de terreiros nos estudos das afro-religiosidades, são mediadores entre humanos e não-humanos, e operam um trabalho de reconexão com o tempo e as histórias míticas. São comunicadores que realizam permanentemente a cosmopolítica.

Portanto, é necessário também pensar os processos comunicacionais a partir da perspectiva dos povos indígenas, pois existe a construção de um saber que é transmitido entre os membros de diferentes comunidades. Nesse sentido, durante o trabalho em campo, essa lógica da comunicação intermundos a partir de

uma cosmopraxis apresentada por Oliveira (2020) pode ser observado numa conversa com Katêjuprere quando ele falava sobre ancestralidades, referindo-se às histórias contadas pelos mais antigos sobre a origem do seu povo.

Hoje em dia é muito comum a presença de algumas igrejas evangélicas dentro da Terra Indígena Mãe Maria, inclusive eu já fui crente, mas hoje, particularmente, eu sou contra, porque eu vejo como algo que foge da nossa cultura, só que como cada aldeia aqui tem a sua autonomia, tem pessoas que vão para a igreja e seguem a religião cristã, e isso deve ser respeitado. Aqui mesmo na nossa aldeia tem uma igreja. Mas eu ainda busco manter viva a tradição dos mais velhos, de contar para os mais novos aqui da aldeia a nossa história de formação do mundo, a história do sol e da lua, pois acredito que é uma forma da gente manter viva a nossa história do passado, e queira ou não é uma forma de explicar a formação do mundo a partir do nosso conhecimento também, porque não existe só uma história são várias histórias e essa é a nossa, por isso acho importante isso continuar sendo repassado de geração para geração, pois é uma forma da gente se comunicar com o nosso passado. (KATÊJUPRERE, 2022)

É importante conhecermos brevemente a história do sol e da lua, citada acima por Katêjuprere, para compreendermos de que maneira ela se associa com a ideia da comunicação intermundos. “A narrativa “Pyt me Kaxêr, O Sol e a Lua, a história sobre o começo”, conta sobre a criação dos primeiros homens. Para eles, o Sol, que representa a sabedoria, e a Lua, mais atrapalhada, afoita e traiçoeira, são os criadores do mundo” (LISBOA, 2019: 103).

No decorrer do trabalho de campo, Katêjuprere contou que essa história era também contada em sala de aula quando ele era criança. Ele afirma que muitos indígenas que tem a sua idade conhece a história do sol e a lua, mas acredita que hoje em dia os mais jovens não têm tanto interesse em saber sobre essa narrativa contada pelos mais velhos do seu povo. Durante uma de nossas conversas na frente de sua casa ele narrou sobre a história do sol e da lua enquanto tomávamos um café. Essa história, segundo Lisboa (2019), foi narrada no ano de 1997 pelo líder indígena Krohokrenhum, o popular Capitão, e foi publicada no livro intitulado “Conhecendo o nosso povo” (PARÁ, 1997), obra coordenada pela professora Leopoldina Araújo. A história é descrita no livro tanto em português como na língua materna. Abaixo temos trechos da história do Sol e da Lua nas duas línguas retirado do livro de Lisboa (2022), na qual ela retirou da obra citada acima.

História do Sol e da Lua

Sim, katyi, foi assim: Os antigos todos – porque é primeiro mais que nós – contavam assim. Me disseram que nós não tínhamos ainda nascido, nosso avô, nossa avó, aí aconteceu. Sol e Lua, era todos dois, começaram a fazer serviço (como sócio). Eles moravam os dois numa casa só, aí começou a aumentar gente. Me disseram que era só eles dois quem aumentava gente. Me disseram que rio era pequeno, não era grotá, era só pocinho. Eles moravam nesse igarapezinho. Aí diz que jaboti grande estava no poço, ficava tomando conta. Sol matou capivara, matou dois; Sol ficou com o mais gordo, deu o magro para Lua. Aí Sol chama mandando: Jê faz fogo!

[...]

Aí Lua voltou pra encontrar o Sol. Então o Sol disse pra Lua: Fica tomando conta de casa, eu vou também tomar banho. À tardezinha ele foi, desceu. Aí ovo está descendo, cabaça vem descendo. Ele viu e caiu n'água, pegou e levou pra beira. Colocou no lugar com muito cuidado, quebrou, ficou olhando. Limpou e pensou: Pra ver o que é isso, eu vou limpar, às vezes que é gente... Botou no sol, estava mexendo. Aí passou um tempo, confiou que era criança. Desceu um. Veio descendo, aí pegou e quebrou. Era homem. Sol estava alegre: Eu já aprendi. Experimentei e consegui! Aí levou todas duas pessoas, colocou as duas crianças no ombro, aí mostrou pra Lua, que ficou muito alegre, mas Pyt não quer contar: Não, deixa comigo, deixa estar.

[...]

Aí Kaxêr ficou doente, morreu. Ele morreu primeiro. Pyt foi e agasalhou, cortou o cabelo pintou com urucu, foi carregando, deitou junto da árvore. Bem de tardinha Lua vem chegando, com cabelo cortado, pintado. Aí Sol falando pra ele: Jê, se eu morrer, faz o mesmo. Aí ele garantia: Jê, eu vou fazer aquilo mesmo. Ele garantia.

[...]

Se não fosse Lua, Sol não morre e até criança volta. Se não nós não morreremos, nós não acabamos tão cedo. Nós morreremos, nós vivemos de novo. Sol assim mesmo ficou chorando muito. Aí Sol morreu, Lua parece que estava

com raiva dele, enterrou. Aí ele viveu dentro, virou calango, veio cavando até chegar. Aí chegou, brigou com ele, aí subiu, subiu... Lua chorou atrás dele, subiu atrás. Sol nunca encontra com ela, ficou com raiva dela todo o tempo. Ela sempre atrás dele fica andando, sempre. Não encontra. Está com vontade de conversar com ele, mas não pode.

Figura 3 – História do Sol e da Lua. **Fonte:** Lisboa (2022).

Dessa forma, ao observarmos a história Pyt me Kaxêr, podemos perceber a partir da fala de Katêjuprere uma comunicação intermundos na medida em que as narrativas são transmitidas de uma geração para outra, estabelecendo uma conexão com a ancestralidade do povo Gavião. Portanto, compreender essa dinâmica comunicacional faz-se necessário para não esgotarmos o debate sobre processos comunicacionais existentes em nossa sociedade, que apresenta uma grande diversidade cultural, o que inclui as diferentes maneiras de se comunicar.

Após a discussão acerca da comunicação intermundos, a partir do que Oliveira (2020) apresenta e associando essa concepção teórica a perspectiva dos Gavião, retornaremos ao debate do uso das TICs em relação aos povos indígenas no

Brasil, pois é para onde a proposta da pesquisa se encaminha. O debate sobre o uso das TICs pelos povos indígenas começa a ganhar força nos estudos acadêmicos aqui no Brasil a partir do início dos anos 2000, a fim de compreender a dinâmica de apropriação por parte de diferentes povos e seus processos de ressignificações (MARTINEZ, 2014).

Sobre o assunto, Martinez (2014) mostra que os processos comunicacionais a partir do uso das TICs por parte da população indígena no estado brasileiro está associado ao ideal democrático em relação ao acesso. Assim, o autor destaca que além de existir um debate acerca da demarcação das terras ocupadas, pode-se observar um debate sobre a ocupação das telas, dado que o campo da comunicação e a cultura da internet é um espaço em que os indígenas buscam conquistar também. De acordo com Caffagni e Sartoretto (2022: 45):

A luta pela cidadania comunicativa dos povos indígenas é dupla: por um lado, ela envolve o acesso à informação, conhecimento e tecnologia; por outro, envolve o desenvolvimento de um entendimento coletivo das políticas públicas que regulam a comunicação. Além disso, essas comunidades têm usado as tecnologias e o conhecimento para exigir algum controle sobre as políticas comunicativas que as afetam. Logo, é possível afirmar que a prática comunicativa pode, se exercida de modo reflexivo, levar a uma ação consciente, autônoma e coletiva sobre o campo da comunicação.

Podemos observar que a luta pela democratização do acesso às tecnologias de comunicação e informação vem ganhando espaço no processo de reivindicações dos povos indígenas em nosso país. Nesse sentido, Martinez (2014) aponta que no Brasil, conforme os dados apresentados através de pesquisas realizadas pela CETIC, ainda que haja a promessa de que as TICs sejam ferramentas facilitadoras na construção de uma rede horizontal de troca de dados, informações e comunicações, a precariedade relacionada aos processos de inclusão digital ainda é um entrave a ser driblado para que novas conquistas sejam alcançadas pelos diferentes atores sociais.

No decorrer do trabalho de campo, conseguimos observar dentro da aldeia Akrôtikatêjê que o acesso à internet, apesar de existir, ainda não é da qualidade em que a comunidade gostaria que fosse. Por exemplo, na casa de Katêjuprere, observou-se ele entrando em contato diversas vezes com a empresa responsável pela internet dentro da aldeia para resolver o problema da má qualidade do sinal, esse ponto nos faz refletir sobre a questão não apenas da precariedade do serviço oferecido pela empresa, mas também pelo preconceito presente naquele contexto, pois numa dessas conversas, Katêjuprere falou que quando é na cidade ou então quando é para “molhar a mão” deles a internet volta rapidamente.

Nesse sentido, Frey (2003) nos alerta que no contexto dos conflitos sociais e culturais de uma sociedade cada vez mais complexa e com um grande grau de diversidade, e em face de novas potencialidades de criação de redes por meio da disseminação crescente das TICs, os riscos relacionados à segregação, à exclusão e a um possível aumento de conflitos e de intolerância devido à proliferação dessas novas estruturas de rede devem ser considerados. Para este autor a opção comunitária deve priorizar as condições institucionais, as relações de poder locais e a necessidade de um grande esforço no que diz respeito à revitalização da democracia local e de base (MARTINEZ, 2014).

É importante compreender que, mesmo dentro desse contexto, em que o acesso por parte dos diferentes movimentos sociais ou povos tradicionais em relação às TICs ainda seja algo que não tenha ganhado essa totalidade democrática, é necessário que possamos observar que a apropriação dessas tecnologias se

torna mecanismos de luta para autonomia e resistência de diversos povos. Segundo Caffagni e Sartoretto (2022: 47):

A apropriação e ressignificação das tecnologias ocidentais, no sentido amplo de tecnologia proposto por Deleuze (1997), é atualmente uma das mais importantes estratégias de luta por autonomia e sobrevivência cultural. As máquinas técnicas não possuem sentido ou valor em si mesmas, elas adquirem valor e sentido através de seu uso. Assim, ao se apropriar das tecnologias da informação e comunicação (TICs) para os seus fins, segundo as práticas cotidianas de suas culturas, indígenas ressignificam a tecnologia da informação e se apropriam dessas tecnologias a partir de suas próprias categorias epistemológicas e de seus interesses políticos particulares.³ A luta indígena pela autonomia e pela sobrevivência hoje, mais do que nunca, envolve a apropriação e concatenação de tecnologias como o rádio, o cinema e a Internet, e das tecnologias sociais do direito e do sistema educacional.

Dessa forma, o processo de apropriação das TICs é refletido na dinâmica sociocultural dos diferentes povos indígenas pelo Brasil, ou pelo menos entre aqueles que têm maior acesso quando comparado com quem tem o acesso negado por completo. No caso dos Gavião podemos pensar, segundo o que um dos entrevistados falou durante nossa conversa, como um processo de construção de uma comunicação indígena específica.

Nós comunicadores indígenas exercemos uma função muito importante dentro da internet, que é de mostrar ao mundo, para o Kupê, para o não-indígena, pro branco a nossa cultura, mostrar que nossa cultura ainda tá viva, repassando esse conhecimento pro branco [...] desconstruir esse pensamento em relação aos povos indígenas né?! Principalmente do nosso povo Gavião aqui na região, que sofre com bastante preconceito, então em relação a nossa comunicação é isso, levar para o mundo o nosso próprio mundo, e entender que não é porque vivemos na mesma sociedade que devemos viver que nem os brancos, existe uma diversidade cultural no Brasil, não só entre os brancos, mas entre nós mesmos, entende?! Então nós temos que mostrar nossa cultura, as nossas danças, os nossos rituais e é pra isso que vai servir a comunicação indígena, vai servir pra mostrar como somos e como vivemos e que se a gente quiser se vestir que nem os branco ou não, usar as mesmas coisas que ele a gente vai poder sim, mas não deixando de lado essa nossa cultura, as nossas tradições, eu pessoalmente vejo que temos a nossa própria mídia, porque aqui temos acesso as tecnologias, e não é o outro que fala sobre a gente, nós mesmos podemos falar por nós, então ter a própria mídia dentro da nossa cultura é sobre isso [...] então a tecnologia já faz parte da nossa própria cultura, como eu sou fotógrafo, faço algumas fotos de nossas brincadeiras e vou postar, então isso serve para que não fique só em palavras, mas também em imagens, fotos, vídeos na internet, então eu vejo isso como uma ferramenta importante pra nós mostrar nossa cultura, não só a cultura, mas o que acontece dentro do nosso território. (Aiteti Gavião. Entrevista concedida em 18/01/2023)

Considerações finais

A partir do trabalho de campo, facilitado na maior parte das vezes pelo Kátêjuprere Burjack, foi possível compreender a importância dos movimentos sociais, que nessa pesquisa está associado ao movimento indígena e que, dentro da Terra Indígena Mãe Maria resistem de diferentes formas em relação a todo o processo de exclusão que historicamente faz parte do seu contexto social. Dessa maneira, é fundamental compreender a reivindicação da inclusão social e digital de grupos desconsiderados pelo restante da sociedade ou pelo governo, através da conquista do respeito ao pluralismo e à diversidade. Desse modo, a partir do panorama apresentado, foi possível compreender a história do povo Gavião desde os primeiros deslocamentos, tanto por cisões como de forma compulsória por conta do estado, ocasionando consequentemente a ocupação do povo Gavião na Terra Indígena Mãe Maria, onde os três grupos, Parkatêjê, os Akrâtikatêjê e os

Kyikatêjê dividiram a mesma Terra, afetando de forma significativa suas bases territoriais e culturais (SILVA, 2020).

Em seguida, procuramos identificar como ocorreu o processo de contato e apropriação das TICs no contexto do povo Gavião já dentro da Terra Indígena Mãe Maria. A partir dos métodos etnográficos, foi possível compreender o dia a dia da aldeia Akrôtikatêjê, e, mesmo de maneira tímida, possivelmente a partir da observação participante e das entrevistas realizadas na aldeia, conseguimos compreender de certa forma o processo de contato e apropriação das TICs e suas consequências sociais, culturais e cosmopolíticas. Tais aspectos podem ser evidenciados quando, por exemplo, notamos que as cisões das aldeias ganham força com a entrada das TICs a partir dos anos 2000 e com maiores proporções a partir de 2011, apresentando assim uma relação.

No caso do povo Gavião, durante a realização do trabalho de campo na aldeia Akrôtikatêjê e das etapas seguintes da pesquisa, foi possível identificar também que a partir dos meios apropriados, pode-se considerar que a comunicação mediada vem ganhando espaço de forma considerável no dia a dia dos indígenas, promovendo facilidades nos relacionamentos interpessoais e entre grupos. Este fator preocupa alguns indígenas mais velhos e conservadores da resistência da cultura indígena daquele território, pois a comunicação mediada por tecnologias representa avanços de outra cultura advinda de uma sociedade que vem massacrando a cultura indígena a partir de uma ideologia dominante. Todavia, no processo de apropriação das TICs, não concordar que essas ferramentas são facilitadoras nos processos de emancipação política, de resistência e de luta da causa indígena, podem excluir a possibilidade de expressão e mobilização de grupos e organizações indígenas, já que a sociedade da informação é configurada pela relação social dada por meios tecnológicos de informação e comunicação.

Nesse sentido, foi possível concluir que a utilização das TICs não pode ser considerada como resposta aos problemas dos povos indígenas, mas auxilia suas organizações, facilitando as parcerias e mobilizações que visam solucionar questões das necessidades dos diferentes povos. Porém, mesmo as TICs sendo ferramentas facilitadoras dentro dos processos comunicacionais e culturais, o acesso a elas em determinadas ocasiões ainda não é com a qualidade que se espera, como no caso da internet, no qual o seu sinal é considerado ruim por alguns indígenas, principalmente os universitários que necessitam do uso frequente da internet.

Dentro desse contexto, buscamos identificar como as redes sociais impactavam no dia a dia do povo Gavião da Terra Indígena Mãe Maria; nesse sentido, acreditamos que o uso das redes sociais, em especial o Instagram, faz com que a rede passa a ser habitada pelos indígenas como um ecossistema de luta e resistência. A plataforma digital se delinea como uma arena de ocupação em defesa da sobrevivência desses povos e de suas cosmologias, suas formas de viver, de habitar, seus conhecimentos, práticas e formas de expressão.

Por fim, apresentamos neste artigo como o contato e apropriação das TICs ocasionaram certas consequências sociais e culturais para o referenciado povo indígena e que essas consequências podem ser visualizadas a partir da emancipação política e resistência destes. Apesar do processo de apropriação, os Gavião continuam a preservar e ressignificar seus traços culturais, prova disso são as inúmeras festividades e rituais presentes dentro das diferentes aldeias, portanto, é possível afirmar que hoje o povo Gavião da Terra Indígena Mãe Maria vivencia a “indigenização da modernidade”, numa constante prática de incorporar o sistema tecnológico ao seu sistema próprio.

Recebido em 3 de julho de 2023.
Aprovado em 15 de fevereiro de 2024.

Referências

- CARELLI, Vicenti. *www.socioambiental.org*. 2011.
- CAFFAGNI, L. G. L.; SARTORETTO, P. M. “Da representação cultural à mudança estrutural: o problema da comunicação indígena no Brasil”. In: MILHOMENS, Lucas (Org.). *Comunicação, questão indígena e movimentos sociais: reflexões necessárias*. Embu das Artes: Alexa Cultural; Manaus: EDUA, 2022.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: os Movimentos Sociais na Era da Internet*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 2005.
- DE OLIVEIRA, Luciana. Cosmopraxis comunicacional dos povos indígenas Kaiowá e Guarani: resistência e luta por visibilidade. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 19 (33): 47-58, 2020.
- DEMARCHI, André; MORAIS, Odilon. *Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles*. Projeto de Pesquisa, Universidade Federal do Tocantins, 2015.
- FERRAZ, Iara. *De “Gaviões” a “Comunidade Parkatêjê”: Uma reflexão sobre processos de reorganização social*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1998.
- FERREIRA, Tayana Cortez. *O Processo de Construção da Aldeia Akrãtikatêjê: memória e retomada aos Mãnkatêjê da Montanha: Akrãtikatêjê ijõn pê mē tanē*. Dissertação de Mestrado em Dinâmicas Territoriais na Amazônia, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2020.
- FREIRE, J. R. B. Cinco ideias equivocadas sobre os índios. *Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura*, 1 (1): 3-23 2016.
- FREY, Klaus. Desenvolvimento sustentável local na sociedade em rede: o potencial das novas tecnologias de informação e comunicação. *Revista de Sociologia e Política*, 21: 165-185, 2003.
- LISBÔA, Flávia Marinho. *Língua como linha de força do dispositivo colonial: os gavião entre a aldeia e a universidade*. Tese de Doutorado, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2019.

MARTINEZ, Margarita Maria Bautista. *O uso das TICs nas organizações indígenas do Brasil e da Colômbia: estudos de caso da COIAB e da ONIC*. Dissertação de Mestrado, USP, 2014.

OLIVEIRA, Luciana de; FIGUEROA, Júlio Vitorino; ALTIVO, Bárbara Regina. Pensar a comunicação intermundos: fóruns cosmopolíticos e diálogos interepistêmicos. *Galáxia*, 2021.

PARKREKAPARE, Katêjuprere Burjack. *A construção da liderança tradicional e política entre os Akrãtikatêjê: Autonomia e identidade de um Povo Jê*. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, 2017.

PEREIRA, Eliete da Silva. *O local digital das culturas: as interações entre culturas, mídias digitais e territórios*. Tese de Doutorado, Comunicação, USP, 2013.

PEREIRA, Eliete da Silva. *Ciborgues indígenas@s.br: a presença nativa no ciberespaço*. São Paulo: Annablume, 2007.

RIBEIRO JUNIOR, Ribamar. *Nós estamos igual kapràn: um estudo da Terra Indígena Mãe Maria no contexto dos neoaldeamentos*. Tese de Doutorado, Antropologia Social, UFMG, 2020.

RODRIGUES, Ricardo Batista. *Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação*. Recife: IFPE, 2016.

SILVA, R. G. *Hàkti Jōkrín: A política e a chefia Gavião*. Dissertação de Mestrado, Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2020.